

ASPECTOS DISCURSIVO-FUNCIONAIS DA INTRODUÇÃO REFERENCIAL ENCAPSULADORA EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Laurenci Barros Esteves¹

RESUMO: Este trabalho consiste em uma análise das funções discursivas da introdução referencial encapsuladora em artigos de opinião. Para tanto, parte-se do princípio de que os objetos de discurso, ou referentes, são representações mentais que são intrinsecamente instáveis, perspectiva defendida por Mondada (1994) e Mondada e Dubois (2003) e que consiste na abordagem teórica da referenciação. De igual modo, nos embasamos nas considerações seminais de Silva (2013) e Sousa e Lima (2015) acerca da existência e das funções das introduções referenciais encapsuladoras e nos trabalhos de Conte (2003), Francis (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007) acerca dos processos referenciais encapsuladores. A partir desse levantamento bibliográfico, foram analisados quatro artigos de opinião em que as introduções referenciais encapsuladoras figuraram como uma forma de ativar um novo objeto de discurso no cotexto e, ao mesmo tempo, sumarizar informações que são diluídas ao longo do texto e que orientam a cadeia referencial tecida no texto.

Palavras-chave: introdução referencial encapsuladora; processos referenciais encapsuladores; referenciação.

ABSTRACT

This paper is an analysis of the discourse function of the referential encapsulation introduction in opinion pieces. For that we assume that the discourse objects or referents are mental representations that are constitutively instable, which is the perspective of Mondada (1994) and Mondada and Dubois (2003) that is called referentiation. Similarly, we take into account the seminal works by Silva (2013) and Sousa and Lima (2015) which consider the existence of the referential encapsulation introduction and we also consider the works by Conte (2003), Francis (2003) and Consten, Knees and Schwarz-Friesel (2007) regarding the referential encapsulation processes. Based on these works, four opinion pieces in which there were referential encapsulation introductions were analyzed and it was possible to state that they are an effective way to activate a new discourse object in the cotext and, at the same time, summarize information which is diluted in that text. Besides, the information summarized orientates the referential chain that is created along the text.

Keywords: referential encapsulation introduction; encapsulation referential processes; referentiation.

Introdução

O presente estudo corresponde a um recorte de nossa pesquisa de mestrado intitulada “As funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores em artigos de opinião” (ESTEVES, 2015). Nessa pesquisa são analisadas as funções discursivas dos subtipos de processos referenciais encapsuladores e as suas relações com o gênero textual artigo de opinião, o que nos levou a investigar de forma detalhada a ocorrência e as funções discursivas de um tipo híbrido de

¹ É graduado em Letras com Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC e mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará - UFC. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil. Correio eletrônico: lbsteves@gmail.com.

introdução referencial, a qual introduz um novo referente no cotexto e, ao mesmo tempo, encapsula uma informação presente em porções cotextuais posteriores.

Para tanto, nos valem das considerações de Silva (2013) e Sousa e Lima (2015) sobre a existência da introdução referencial encapsuladora e as suas funções discursivas nos diversos tipos de gêneros textuais. Com relação ao trabalho de Sousa e Lima (2015), destacamos que as autoras estabelecem uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva para desenvolver a sua análise, o que não corresponde ao foco do nosso estudo, o qual envereda pelas implicações textual-discursivas do emprego da introdução referencial encapsuladora em artigos de opinião. Por outro lado, julgamos pertinente expor essa abordagem, na medida em que ilustra de que forma o interlocutor evoca estruturas cognitivas para processar uma dada informação.

Através deste estudo, objetivamos não apenas divulgar as pesquisas mais recentes no que concerne à existência e à natureza da introdução referencial encapsuladora, mas identificar as funções discursivas desse tipo de expressão referencial em textos pertencentes ao gênero artigo de opinião. Para tanto, este estudo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos as considerações teóricas básicas concernentes à referenciação e, em seguida, tratamos dos processos referenciais encapsuladores a fim de expor um panorama geral sobre o conceito e as funções discursivas desse recurso coesivo. Por fim, discorreremos sobre a introdução referencial encapsuladora para que, em seguida, possamos apresentar a análise de quatro artigos de opinião em que foram identificadas as ocorrências desse tipo híbrido de expressão referencial.

A referenciação

A construção do texto enquanto coerência tem sido um processo estudado por diversos teóricos da Linguística Textual desde o estudo seminal de Beaugrande e Dressler (1981), os quais discriminaram sete fatores que consolidam a textualidade, isto é, fatores que, juntos, fazem com que um texto seja considerado texto. Dentre esses fatores, salientamos a importância dos estudos iniciais relacionados à construção da coesão e da coerência textual conduzidos por Halliday e Hasan (1976) e que hoje são desenvolvidos sob a égide da referenciação (MONDADA, 1994; MONDADA; DUBOIS, 2003).

A partir da abordagem teórica da referenciação proposta por Mondada (1994) e Mondada e Dubois (2003), defende-se que a referência não corresponde a uma relação direta de pressuposição entre dois elementos linguísticos ligados a entidades do mundo real, como se defendia desde os trabalhos iniciais de Halliday e Hasan (1976), mas que há fatores sociocognitivo-discursivos responsáveis pelo processamento textual e pela construção do próprio texto. É a partir dessas constatações que Mondada (1994), em sua tese de doutorado, defende que os objetos de discurso ou referentes não são dados *a priori*, mas que são resultantes dos próprios processos cognitivos do homem. Tais processos viabilizam a construção de categorias constitutivamente instáveis através da categorização.

Tais categorias são plásticas e essa instabilidade é inerente, portanto, aos objetos de discurso, os quais surgem a partir de processos que são comuns às interações individuais e sociais que se estabelecem entre sujeito, sociedade e mundo. Os referentes são, portanto,

concebidos como entidades construídas mentalmente por meio da enunciação, o que implica uma discursivização ou textualização da realidade. Esse posicionamento nos leva a considerar que as relações entre as palavras e as coisas são igualmente instáveis pois os objetos de discurso são recategorizados a todo momento, fato que está intimamente ligado ao contexto em que esses objetos são empregados e, fundamentalmente, à intencionalidade comunicativa de quem os evoca.

As transformações que o referente sofre na progressão textual são chamadas de recategorização e são evidenciadas no exemplo (1) abaixo, retirado de Mondada e Dubois (2003, p 32, grifos das autoras):

(1) A cidade é dividida por **um sujo e insignificante filete de água**, que algumas propagandas generosas chamam de **soberbo canal**. (de Brosset, *Letters familières écrites d'Italie en 1739 et 1740*, Paris: Ed. D'Aujourd'hui, 1977, v 1, 110).

Há, no exemplo acima, uma recategorização (MONDADA; DUBOIS, 2003; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995), pois ora o referente é dado como “um sujo e insignificante filete de água”, ora como um “soberbo canal”. Embora não tenhamos acesso à real dimensão da porção de água sobre a qual o texto acima discorre, construímos mentalmente esse referente a partir das pistas cotextuais e dos modelos cognitivos que ativamos em nossa mente para processar o texto.

O referente e sua recategorização em (1) se mostram notadamente contrastivos ao atentarmos para o fato de que o primeiro referente grifado é construído a partir de dois adjetivos de caráter depreciativo que o categorizam como um “sujo” e “insignificante” filete, ou seja, um pequeno fio de água, e não como o “soberbo canal” da recategorização que, por sua vez, tem caráter avaliativo positivo ao reelaborar o referente como algo impressionante e grandioso, ou seja, maior que um simples filete de água. Isso corrobora a percepção de que a relação entre as coisas e os objetos é desprovida de qualquer vínculo intrínseco, pois a instabilidade do referente permite que o construamos e modifiquemos das mais variadas formas possíveis de acordo com propósitos diversos.

Em consonância com esse raciocínio, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) ressaltam que o processo de construção dos referentes é, sobretudo, uma atividade partilhada ou intersubjetiva, pois não equivale à construção de versões de uma realidade governada pelas vontades do locutor, mas implica, também, a aceitação dessa versão da realidade por outros sujeitos participantes da interlocução.

No âmbito da referenciação, assume-se que o texto/coerência é construído a partir dos processos referenciais, os quais se desdobram em três categorias centrais, como apontam Cavalcante, Custódio Filho e Brito, a saber: (i) a introdução referencial; (ii) anáfora; (iii) a dêixis. Por questões de escopo, salientamos que nos deteremos à caracterização dos seguintes processos referenciais que se relacionam com a introdução referencial encapsuladora: os processos referenciais encapsuladores, os quais equivalem a um tipo de anáfora direta quando formalmente manifestados no cotexto, e a introdução referencial.

Os encapsulamentos

Temos defendido em nossos trabalhos a importância dos encapsulamentos enquanto um recurso coesivo notadamente multifuncional. Esse tipo de processo referencial é comum em textos escritos e orais e opera com a função intrínseca básica de sumarizar uma porção cotextual de extensão variada. Esse recurso coesivo é concebido como uma anáfora encapsuladora no trabalho de Francis (2003), como uma rotulação em Conte (2003) e como uma anáfora complexa nos estudos de Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007), embora todos esses autores tratem do mesmo fenômeno linguístico. Alguns dos pontos mais divergentes na literatura sobre o tema são, sem dúvidas, o grau de abrangência dessa sumarização, as funções discursivas dessas expressões referenciais e a forma como se manifestam formalmente no cotexto.

Neste estudo, consideramos a profundidade da perspectiva de Francis (2003) com relação ao escopo das expressões referenciais que rotulam ou “empacotam” uma porção cotextual, quer seja de forma prospectiva (catafórica), retrospectiva (anafórica) ou, ainda, retroprospectiva (FRANCIS, 2003; ESTEVES, 2015). Por não nos atermos a critérios essencialmente formais² no que concerne à definitude do encapsulamento, defendemos, em consonância com Francis (2003), que esses processos referenciais podem figurar em diversas partes do cotexto, quer seja através da remissão anafórica, quer seja através da prospecção ou, ainda, por meio da retroprospecção (ESTEVES, 2015).

Outro ponto que julgamos essencial é a natureza dos encapsulamentos, pois estes funcionam como um importante recurso coesivo multifuncional que promove a organização macrotextual ao marcar que o locutor está prosseguindo para a fase posterior de seu argumento, na medida em que utilizam a fase precedente através de seu empacotamento em uma única nomeação (FRANCIS, 2003). Isso equivale a considerar que essas expressões referenciais apresentam a função de mudar o tópico e, ainda, liga-lo. De igual modo, a multifuncionalidade do encapsulamento também é destacada por Conte (2003), a qual frisa o seu caráter avaliativo, o que pode ser notado no exemplo a seguir (2003, p. 186, grifo da autora):

(2) Irado com a multidão que protestava contra ele, a apenas sete semanas da eleição geral, o presidente romeno Ion Iliescu saltou furioso de sua limusine e agrediu um jornalista da oposição.
O incrível episódio, que provocou fortes reações, ocorreu no último sábado...

No exemplo acima observa-se a presença da anáfora encapsuladora “o incrível episódio”, a qual sumariza a porção cotextual anterior. Nota-se, aí, que além da sumarização de uma porção cotextual, o adjetivo “incrível” apresenta caráter valorativo ao classificar a situação retratada no parágrafo antecedente. A recorrência dessa composição estrutural leva Conte (2003) a defender a importância dos encapsulamentos enquanto recursos coesivos que para além de um princípio organizador, podem ser empregados como um importante meio de persuadir o leitor, o que ocorre através da presença de um núcleo axiológico no sintagma nominal.

² As pesquisas de Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007) restringem os processos referenciais encapsuladores, quando manifestados formalmente no cotexto, às anáforas que encapsulam apenas as porções cotextuais que as precedem.

Por sua vez, as expressões referenciais encapsuladoras que funcionam prospectivamente também podem apresentar caráter valorativo ao qualificarem a informação diluída na porção cotextual, bem como caráter organizador e preditivo. No exemplo que segue (FRANCIS, 2003, p. 192-193, grifo da autora), a expressão referencial “duas razões” permite que o leitor consiga predizer a informação que será apresentada posteriormente:

(3) Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve existir uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou **duas razões**: a primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

Outra importante função discursiva das expressões referenciais encapsuladoras é a função metadiscursiva ilustrada no exemplo abaixo, presente em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 81, grifo dos autores):

(4) Um velho índio descreveu certa vez **seus conflitos internos**: “Dentro de mim existem dois cachorros: um deles é cruel e mal, o outro é muito bom e dócil. Os dois estão sempre brigando..”. Quando então lhe perguntaram qual dos cachorros ganharia a briga, o sábio índio parou, refletiu e respondeu: “Aquele que eu alimentar”.
(Autor desconhecido).

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) expõem que o ato de qualificar como “seus conflitos internos” uma porção cotextual equivale a uma estratégia metadiscursiva em que o locutor se posiciona ante o que foi expresso. Isso equivale a um caso de metadiscursividade pois o locutor volta-se para o seu próprio dizer, o que corresponde a uma atitude de caráter reflexivo cujo intuito é estabelecer um posicionamento e, ao mesmo tempo, provocar o engajamento do leitor para que seja conquistada a sua adesão.

Ademais, é importante esclarecer a natureza da expressão referencial encapsuladora, uma vez que os estudos sobre o tema tendem a tratá-la como não correferencial (CONSTEN; KNEES; SCHWARZ-FRIESEL, 2007; CAVALCANTE, 2011). Frisamos, a partir dos pressupostos teóricos da referenciação, que o referente retomado pela expressão referencial encapsuladora não precisa ser, obrigatoriamente, citado no cotexto, uma vez que esse referente é representado na mente dos participantes do processo de comunicação. Tal posicionamento nos leva, em consonância com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a tratar os encapsulamentos como um subtipo de anáfora direta, portanto correferencial, cujas funções argumentativas são sobressalientes.

A introdução referencial encapsuladora

Se pensarmos no nome atribuído a esse processo referencial, poderemos associá-lo imediatamente à ativação de um referente pela primeira vez no texto, seja esse texto unicamente verbal ou verbo-imagético. Atentemos para o exemplo a seguir, retirado de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 54-55, grifos nossos):

(5) PAI,

Este retrato é mais
e mais que a pedra branca
mais que a data sempre.
E mais que um nome,
Que um eco
Nunca mais.
É o que salta seu
E o assalto de não ser.
Sou eu
Riscada em molde.
O que condenei
Que cresceu em mim.
É vivo fita-lo assim
Remendado do que foi.
É querer fincá-lo doce,
Envolvido, e não sofrer.
É a certeza má
De que este retrato é mais
E será mais do que você.
Você, que o tempo
Sobre o tempo,
Impenetrado,
Levará de mim.
(Mônica Magalhães Cavalcante, poema Inédito).

No exemplo (5) há um caso típico de introdução referencial, isto é, a existência de um objeto de discurso explicitado por uma expressão referencial, como no primeiro verso da produção poética, em que há a introdução referencial “este retrato” e o referente de “Pai”, presente no título (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

As possibilidades para o referente introduzido no texto são várias, pois ele pode ser retomado através de anáforas diretas ou indiretas, as quais o recategorizam, ou pode, inclusive, apontar para determinados elementos da situação comunicativa imediata, o que configuraria um processo referencial de caráter dêitico, como mencionam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Lembramos que há uma associação direta entre a recategorização do referente e a intenção comunicativa do locutor, o que engloba, conseqüentemente, o seu ponto de vista com relação à realidade que o circunda.

Ainda com relação às introduções referenciais, pontuamos a pertinência e a profundidade da pesquisa realizada por Silva (2013) em seu doutorado, na qual o autor estuda a fundo as ocorrências de introduções referenciais em variados gêneros textuais. Dessa forma, na medida em que avança no estudo do referente introduzido pela primeira vez no cotexto, calcado na pesquisa de Cavalcante (2011), Silva (2013) identifica um novo tipo de introdução referencial, a introdução referencial encapsuladora, e define as funções que esse subtipo de introdução referencial pode exercer no texto. Atenemos para uma exemplificação retirada da tese de Silva (2013, p. 97, grifo do autor):

(6) Alberto tinha razão

O valor médio cobrado por litro de gasolina nos postos de combustíveis piauienses é nada menos que R\$ 2,64. Fora o valor altíssimo e inviável para muitos, há o alerta nacional de risco de blecaute nas bombas em diversos estados, inclusive Ceará e Maranhão, distribuidores regionais. Isso implica dizer que, a dificuldade nacional de distribuição de combustíveis aliada à extrema dependência ao produto pode reservar dias difíceis neste fim de ano, período em que o consumo sofre um aumento de 10% com as tradicionais viagens das famílias e com o aumento das entregas de produtos de consumo. Com relação ao Piauí, a situação é ainda mais grave. Sem porto e sem malha ferroviária em quantidade e qualidade suficientes, a dependência piauiense a outros estados pode ser suprimida somente através do sistema rodoviário, muito mais caro e demorado para atender grandes demandas.

Para se ter uma ideia, apenas uma viagem de trem do Porto de Itaqui, em São Luis (ma), a Tresina equivale a 80 viagens e caminhões carregados com combustível. Todo esse quadro nos faz lembrar de Alberto Silva, engenheiro por formação, ex-governador do Estado e grande idealizador das grandes obras que pudessem garantir o desenvolvimento do estado. Dentre muitas de suas obsessões, o transporte público e a construção de estrutura necessária para o desenvolvimento do Estado eram prioridades. Exemplos disso são a conclusão do Porto de Luís Correia e a construção de grandes ferrovias – incentivadas por Alberto Silva – mas que ainda engatinham. No entanto, nos últimos anos, o Governo do Estado buscou recursos junto à União para recuperar as BRs que cortam o Piauí, ampliar e até duplicar em alguns pontos. Apesar de necessárias, estas foram obras que agora já exigem novos reparos e funcionam apenas para atender questões urgentes. Sem olhar para o horizonte no momento certo, o Piauí se ressentiu da ausência de ferramentas importantes para manter o estado devidamente abastecido.

A análise do exemplo acima revela que há um estranhamento causado pelo título do texto, pois a expressão grifada contém dois lexemas que são considerados pontos-chave: “Alberto” e “razão”. Conforme é salientado por Esteves (2015), a ocorrência desses nomes no sintagma “Alberto tinha razão” termina por induzir o leitor a procurar mais informações para confirmar a possibilidade do nome “Alberto” designar o ex-governador do Piauí, o político Alberto Silva, e, sobre qual assunto ele poderia ter razão. Essa informação termina por ser confirmada ao longo do texto.

É possível dizer, portanto, que a utilização da expressão referencial encapsuladora presente no título do texto leva o leitor a buscar confirmações acerca do seu significado, o que se dará a partir da leitura do texto. Essa informação encapsulada pode ser encontrada de forma diluída no cotexto ou, ainda, em expressões presentes em pontos específicos do texto. Portanto, verifica-se que a introdução referencial encapsuladora funciona com o propósito intrínseco básico de ativar um novo referente no cotexto e de levar o leitor a procurar confirmações acerca da informação por ela encapsulada.

É curioso notar que a introdução referencial encapsuladora assemelha-se aos rótulos prospectivos (FRANCIS, 2003) no que concerne ao seu aspecto funcional, pois pode remeter a uma porção cotextual de forma catafórica ao apontar para determinados elementos da situação de comunicação, o que permite que esse tipo de introdução referencial seja considerado preditivo, no sentido de que o leitor hipotetiza qual é o assunto encapsulado e tem essa hipótese validada ou não quando é exposto às informações presentes no texto.

Cabe mencionar que, embora não estabeleçamos uma interface com a Linguística Cognitiva, reconhecemos a importância da pesquisa de Sousa e Lima (2015), as quais investigam a ocorrência de introduções referenciais encapsuladoras a partir de uma perspectiva centrada na linguística da cognição com expressões designativas de operações da Polícia Federal como *corpus*. Tais introduções referenciais, a partir do que é exposto nessa pesquisa, resumem informações que são relacionadas ao caráter da operação policial que designam e, simultaneamente, terminam por introduzir um novo referente no cotexto. As autoras analisaram as seguintes expressões que designam operações da Polícia Federal, quais sejam: a Operação Sanguessuga, a Operação Castelo de Areia e a Operação Sexto Mandamento. Vejamos um dos exemplos presentes no trabalho de Lima e Silva (2015, p. 350, grifo das autoras):

(7) Escrito por Prof. Amiraldo Quaresma – 25/10/2010

Roberto Góes foi mentir na rádio, mas não deu certo. A notícia, além de confirmada pela PF, está na Veja, na Folha e no UOL. Só não sei pq o esforço de desmentir a verdade. Será por medo de prejudicar a campanha de seu candidato nomeado por ato secreto assinado por Sarney, ligado a Waldez Góes e parentes presos pela PF? No palanque de seu candidato, além dele mesmo (cassado por seis vezes e duas vezes conduzido coercitivamente à PF), WG, Marília, há tb dois nomes ligados à **Operação Sanguessuga**. Esse é o palanque da mudança? Que mudança? Isso já não seria o suficiente p/ prejudicar uma campanha que se diz, que se vê como a “única” mudança?!?! Durma-se com um barulho desse! (Disponível em: <<http://www.lucianacapiberibe.com/2010/10/25/roberto-goes-foi-liberado-ecorreu-para-dar-entrevista>> Acesso em: 8 dez. 2011)

As pesquisadoras expõem, inicialmente, que a Operação Sanguessuga foi destinada à desarticulação de uma organização criminosa que realizava crimes contra a ordem tributárias, bem como fraudes em licitações da saúde. Os integrantes dessa quadrilha eram funcionários públicos locados no Ministério Público da Saúde e na Câmara dos Deputados. O nome dessa operação opera como uma metáfora relacionada à sanguessuga, um verme que se prende aos animais para sugar-lhes o sangue. Em outra acepção, numa conotação mais popular, é possível atribuir aos indivíduos que exploram outras pessoas a qualidade de “sanguessuga”. O nome “Operação Sanguessuga” termina por encapsular o conteúdo concernente aos aspectos da operação mobilizada pela Polícia Federal. Por conta disso, há um mapeamento entre o domínio VERME-PARASITA, como destacam as autoras, para a organização criminosa investigada, pois os infratores em questão atuavam como parasitas que “sugavam” as verbas públicas.

Outro aspecto importante relacionado ao exemplo em discussão equivale à ausência de pistas cotextuais que permitam ao leitor recuperar as informações encapsuladas pela expressão referencial em destaque. É a partir do lexema “sanguessuga” que é possível recuperar o sentido dessa metáfora, de modo que as sanguessugas são os criminosos investigados, os quais estão associados ao desvio de dinheiro público. Por consequência, o leitor pode reconstruir o sentido dessa operação a partir da introdução referencial encapsuladora sem que necessariamente haja menção cotextual das informações relacionadas à operação em pauta, uma vez que o processamento textual recai sobre os modelos cognitivos, como os *scripts*.

Metodologia e análise do *corpus*

Neste trabalho foi estipulado um total de quatro artigos de opinião para a análise das ocorrências das introduções referenciais encapsuladoras, as quais foram grifadas em negrito. A nossa opção por esse gênero textual se dá pela sua grande repercussão na internet, sobretudo em portais voltados para a programação da televisão brasileira, uma vez que novelas, filmes e diversos programas televisivos tendem a tratar de temas que geram grande comoção nos internautas. Especificamente, selecionamos um texto do portal Notícias da TV, no caso do exemplo (8), e três textos retirados do portal da jornalista Patrícia Kogut, o que engloba os exemplos (9), (10) e (11). Atentemos para as análises desses artigos de opinião a seguir:

(8) “Sete vidas” dá **contribuição ousada no combate ao preconceito**

Enquanto “Babilônia” enfrenta rejeição do público, entre outros motivos, por apresentar um casal de mulheres idosas, vivido por Fernanda Montenegro (Teresa) e Nathalia Timberg (Estela), “Sete Vidas”, a novela das 18h30, trata do mesmo tema com menos alarde e, aparentemente, sem provocar problemas com a sua audiência.

No capítulo desta terça-feira (14), Luis (Thiago Rodrigues) contrariou a mulher, Branca (Maria Manoella), e explicou aos filhos, em detalhes, em detalhes, que eles tiveram duas avós por parte de pai. “Eu tive duas mães”, disse a Sofia (Milena Melo) e Luca (Gabriel Palhares).

Numa cena longa, de quase cinco minutos, o pai contou aos filhos sobre a relação da mãe, Esther (Regina Duarte), com Vivian, já morta. “A Esther e a Vivian eram casadas, tipo namoradas, duas mulheres que se amavam muito. A minha família era tão legal que eu nunca podia imaginar que família pudesse ser de outro jeito”, disse.

Luis ainda revelou aos filhos que a mulher, Branca (Maria Manoella), contou uma mentira ao tratar do assunto com Sofia, inventando a história de um avô que eles nunca tiveram.

“É um pouco confuso, sim, porque não é assim que acontece na maioria dos casos. Tão confuso que a sua irmã, quando era bem pequenininha, perguntou para a mamãe quem era o avô dela e a sua mãe, com medo que a sua irmã não fosse entender, inventou um avô de mentirinha. Foi uma forma que a sua mãe encontrou para adiar o assunto da vovó Vivian, para vocês estarem grandes e entender tudo melhor, como estão agora.”

Na sequência, “Sete Vidas” exibiu mais uma cena do conflito entre Luis e Branca por conta deste assunto. A mulher já havia se manifestado contra a decisão do marido de contar a verdade para as crianças. E eles voltaram a brigar quando ele disse, finalmente, que revelou tudo aos filhos.

E, por fim, ainda no capítulo de terça, houve uma cena em que o menino Luca questionou a própria avó, Esther, sobre o seu casamento com Vivian. “Vocês davam beijo uma na outra que nem namorado?”, perguntou. “Claro que sim. Se a gente era namorada!”

A conversa prosseguiu: “Quando vocês casaram, teve festa?” “Festão. A gente se acabou de dançar.” “E por que vocês se separaram?” “Porque um dia a gente percebeu que o namoro tinha acabado. E aí a gente resolveu fazer uma festa de separação. Para festejar o que a gente tinha vivido até ali e o que a gente ainda ia viver”.

“Sete Vidas” é a segunda novela de Licia Manzo, autora também da ótima “A Vida da Gente”, exibida igualmente no horário das 18h30, entre 2011 e 2012.

A nova trama gira, justamente, em torno de questões relacionadas a paternidade. Diferentes personagens, gerados por inseminação artificial, descobrem que são filhos de um mesmo doador anônimo, Miguel (Domingos Montagner), e suas vidas se cruzam. Luis é um desses filhos.

A novela estreou em março e, como “A Vida da Gente”, chama a atenção pela qualidade dos diálogos, pela humanidade dos personagens (praticamente não há vilões na trama) e pela ambição de discutir seriamente temas universais. É um biscoito fino que merece ser acompanhado com atenção. (Disponível em: <<http://goo.gl/H4EOzC>> Acesso em: 31 out. 2015)

A marcação realizada acima evidencia a introdução referencial encapsuladora “contribuição ousada no combate ao preconceito”. Essa introdução referencial encapsula informações apresentadas posteriormente e que orientarão a construção da cadeia referencial que será elaborada no texto. Da mesma forma, a introdução referencial encapsuladora conduz o leitor a buscar informações acerca dessa “contribuição ousada”, a qual equivale à abordagem da relação entre duas mulheres homossexuais de forma natural em um horário cujas novelas são, notadamente, assistidas por crianças e adultos, e pela forma sutil como o assunto foi apresentado a duas crianças, as quais são netas de uma dessas mulheres. Essa situação configura, de fato, uma “contribuição ousada”, o que confirma a informação presente no título do texto. Similarmente, a atitude da autora da novela é pertinentemente encapsulada como um “combate ao preconceito”, tendo-se em vista a forma didática e educativa através da qual a homossexualidade é abordada.

(9) “A regra do jogo”: a virada de Zé Maria e o show do elenco

O nome da personagem de Cássia Kis em “A regra do jogo”, Djanira, foi parar nos trending topics do Twitter anteontem. Isso aconteceu depois que ela descobriu que o seu grande amor, Zé Maria (Tony Ramos), é bandido. Desde sábado, quando a verdade sobre ele foi exposta para o público, essa trama vem mantendo a carga de eletricidade e atraindo as atenções. A revelação é uma prova da habilidade do autor, João Emanuel Carneiro, para surpreender, um talento que na época de “Avenida Brasil” lhe valeu o apelido nos bastidores de Capitão Gancho. É como escreveu @VerTelevisao: “Djanira viu o Romero e o Zé Maria Juntos. Que novela!! Acabamos de ver 1 mês de novela em 1 capítulo! JEC rei”.

Foi também uma grande oportunidade para o elenco. No sábado, Tony Ramos transitou entre as duas facetas de Zé Maria com muito desembaraço. Se isso não causa espanto no público — que conhece seu talento e sabe do que ele é capaz —, impressiona. Alexandre Nero é outro que domina a duplicidade de seu Romero, um bandido frágil, que ainda não perdeu totalmente de vista as relações de afeto, mas pode cometer atos da maior frieza. Finalmente, Cássia Kis é parte fundamental dessa virada e fez uma cena muito bonita com Vanessa Giacomini. Sua personagem é vítima de uma falsa, mas candente esperança, de que seja tudo mentira. Esse comportamento causou comoção no Twitter. Como avaliou @thiago_p, “Djanira sofre do mesmo problema da Carolina de ‘Verdades Secretas’: cegueira de amor. Quem nunca?”. Pelo visto, ela tocou

o coração dos espectadores. A morte da personagem está prevista para o capítulo 42, mas Djanira já entrou para a História das novelas e para a lista comprida de grandes contribuições da atriz para a nossa televisão. (Disponível em: <<http://goo.gl/LfpWVL>>. Acesso em: 31 out. 2015).

O exemplo acima apresenta duas introduções referenciais encapsuladoras também no título do texto, as quais equivalem às expressões referenciais “a virada de Zé Maria” e “o show do elenco”. Ambas as expressões apontam para a frente, ou seja, são prospectivas, e induzem o leitor a confirmar as informações dispostas no título do artigo. De modo pontual, percebe-se que o primeiro parágrafo do texto é dedicado à reviravolta ou “virada” vivida pelo personagem Zé Maria, o qual despontava como um dos mocinhos da trama e que se revelou, posteriormente, um criminoso. O segundo parágrafo, por outro lado, não apenas engloba a performance do ator Tony Ramos, intérprete, mas ratifica o fato de o elenco da novela ter dado um “show” de interpretação.

O caráter prospectivo da introdução referencial encapsuladora termina por reforçar o caráter descendente da leitura, do título do texto para os parágrafos posteriores, uma vez que o leitor lê a produção textual em busca de confirmações que validem ambas as informações presentes nas introduções referenciais destacadas.

(10) **Os altos e baixos** de “Santo Forte”, produção nacional do AXN

“Santo forte” marcou a estreia do AXN no terreno das séries brasileiras antecorrem. Na produção da Moonshot dirigida por Roberto D’Avila, Vinícius de Oliveira (de “Central do Brasil”) é o taxista João. O bom trabalho do ator e sua hábil construção do personagem foram o ponto alto da noite. Figura bem carioca, ele transita de Ipanema ao Catumbi. No Santo Cristo, consulta-se com um pai de santo que também é dono de um bar, Celso (Thiago Justino). Interessante combinação de homem do povo com super-herói, João é capaz de adivinhar os pensamentos de seu passageiro ao receber o pagamento das mãos dele.

Esse dom é reforçado pela proteção dos orixás: João tem o corpo fechado. Ele se reergue, por exemplo, depois de levar vários tiros. A surpresa provocada por tais acontecimentos ganha ainda mais força com a interpretação de Vinícius, que compôs um tipo ao mesmo tempo guerreiro e doce, de pequenos gestos e muita expressividade. Ele é casado com Dalva (Laila Garin, outra excelente presença no elenco), mas passa menos tempo com a família do que ela desejaria. É o clássico conflito da vida dupla do prosaico cidadão que também precisa salvar o mundo dos perigos. Na estreia, o taxista envolve-se com o drama de Dona Alcina (Sônia Guedes em grande participação), uma mulher explorada pelo neto bandido. Paralelamente, seu dom é investigado por um jovem jornalista, Fábio (Guilherme Dellorto).

A prevalência de externas contribui para o programa. Os cenários fáceis de reconhecer — mesmo para quem não é carioca — ajudam a contextualizar os personagens e atribuem a eles uma dose de verdade. A direção no geral foi competente. Mas o roteiro deixou muito a desejar. A trama chegou completamente confusa ao fim da primeira meia hora do episódio. Insistiu quem teve paciência. Quando o enredo finalmente se estabeleceu, algumas pontas ficaram mal amarradas (por que o conflito com o sogro?, por exemplo). Vamos ver o que vem por aí. (Disponível em: <<http://goo.gl/FBFqSV>>. Acesso em: 31 out. 2015).

O exemplo que trazemos apresenta uma introdução referencial encapsuladora no título do texto, a expressão referencial “os altos e baixos”, a qual introduz um novo referente no cotexto e encapsula, de forma prospectiva, informações diluídas nas porções cotextuais posteriores com vias de conduzir o leitor a buscar confirmações acerca dessa do que consta na expressão referencial. É importante destacar que, de forma específica, o texto apresenta no primeiro e no segundo parágrafo considerações que correspondem aos pontos “altos” da trama, isto é, a boa atuação do elenco. No último parágrafo, após o locutor mencionar a prevalência de cenas externas, os cenários conhecidos e a direção, há uma crítica ao roteiro por conta da trama “confusa” e pontas que permaneceram mal amarradas, detalhes que equivalem aos pontos “baixos” do programa.

(11) “Além do tempo” e **as cartas na manga** de Elizabeth Jhin

Bernardo está vivo. A notícia de que o filho da arquivilã de “Além do tempo”, a Condessa Vitória (a sensacional Irene Ravache), não morreu vem movimentando a novela das 18h da Globo. O personagem já apareceu em flash-back (papel de Bernardo Marinho), mas vai entrar na trama em breve para valer, interpretado por Felipe Camargo.

Quando isso acontecer, ele reencontrará a amada, Emília (Ana Beatriz Nogueira), e conhecerá a filha, Lívia (Alinne Moraes). Talvez demore um pouco para que a ficha dele caia, pois sabe-se que perdeu a memória. Elas já descobriram a verdade abrindo o túmulo dele e constatando que havia pedras em vez de um corpo. A sequência foi realizada sem pudor pela direção (Rogério Gomes): a marreta atingiu a lápide em câmera lenta, Ana Beatriz fez expressões de sofrimento e tudo isso se arrastou por um capítulo inteiro. Nada que tenha comprometido o bom gosto do resultado final.

Como em trabalhos anteriores, Elizabeth Jhin promete abordar nessa aventura o amor que transcende até a morte. Numa segunda etapa da novela, todos os personagens se reencontrarão no presente e as relações serão rearranjadas. Quem é mau pode ressurgir bom, e vice-versa. Trata-se de um drama clássico com permissão para visitas ao sobrenatural. A autora se arrisca, mas, a cada folhetim novo que escreve, vai ganhando segurança para transitar perto da fronteira do absurdo. O enredo de “Além do tempo” tem credibilidade, é o que importa.

Tudo isso para concluir que os velhos ingredientes — romance, desencontros, uma vilã puxada e uma mocinha sofridora — seguem empolgando. O importante mesmo é uma boa história. (Disponível em: <<http://goo.gl/HcQR1R>>. Acesso em: 31 out. 2015).

O texto acima corresponde a um artigo de opinião cuja introdução referencial encapsuladora, a expressão referencial “as cartas na manga”, surge no título da produção textual. Essa expressão encapsula as informações apresentadas posteriormente, as quais equivalem às estratégias da autora Elizabeth Jhin para manter a sua trama movimentada, as quais são atribuídas ao retorno de um personagem que se acreditava morto e os conflitos decorrentes da reaparição desse personagem, bem como à reencarnação dos personagens do folhetim no futuro, o que se dará na segunda etapa da novela em questão.

Considerações finais

Podemos, a partir de nossa análise, considerar que a introdução referencial encapsuladora tende a figurar no título dos textos ou, possivelmente, nos parágrafos iniciais das produções textuais de modo geral. Dessa forma, é um poderoso recurso coesivo que além de introduzir um novo referente na superfície textual e encapsular uma informação normalmente difusa e que será apresentada posteriormente, pode ser empregado com o intuito de instigar o leitor a buscar confirmações acerca das informações presentes na expressão referencial, o que se dá, como foi exposto, a partir da leitura do texto.

Concebemos também que as introduções referenciais encapsuladoras se assemelham aos rótulos prospectivos de Francis (2003), na medida em que funcionam de modo similar a catáforas no texto. Isso nos levou a considerar que há, aí, uma função preditiva, pois a expressão referencial termina por indicar ao leitor as informações que serão trazidas pelo texto e é a partir desse caráter preditivo que o interlocutor buscará confirmações sobre esses dados.

Por fim, não acreditamos que a função discursiva de levar o leitor a buscar a confirmação do que consta na introdução referencial encapsuladora seja específica do gênero artigo de opinião, mas que se aplica a qualquer texto pertencente a qualquer outro gênero, inclusive os textos multimodais, uma vez que os locutores, de modo geral, se valem de diversas estratégias para atrair a atenção do interlocutor para o seu texto. Vale investigar, portanto, a possibilidade de ocorrerem introduções referenciais encapsuladoras e suas possíveis funções discursivas em textos verbo-imagéticos como charges, cartuns e tirinhas.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et strategies de designation. In.: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M-J (eds). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- ; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- CONSTEN, Manfred; KNEES, Mareile; SCHWARZ-FRIESEL, Monika. The function of complex anaphors in texts: evidence from corpus studies and ontological considerations. In: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNESS, Mareile. **Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Anaphoric encapsulation. In: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto - (Coleção Clássicos da Lingüística), 2003.
- ESTEVES, Laurenci Barros. **As funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores em artigos de opinião**. 2015. 66f. - Projeto de dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, CE, 2015.
- FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, M. (ed.). **Advances in written text Analn: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação**. São Paulo: Contexto - (Coleção Clássicos da Lingüística), 2003.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
- MONDADA, Lorenza. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours**. Tese, Université de Lausanne, Lausanne, 1994.
- ; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. Clássicos da lingüística. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA, Franklin Oliveira. **Formas e funções das introduções referenciais**. 2013. 127f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013.
- SOUSA, M. A.S.S.; LIMA, S.M.C. Operação sanguessuga, operação castelo de areia e operação sexto mandamento: meras designações ou verdadeiras caixas de pandora? In: **Veredas**- Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 344-356, 2015.

Recebido em 18/11/2015. Aprovado em 23/12/2015.